

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**A OBSERVAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO TÍPICO DA
COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL:
SUBSÍDIOS PARA A PROMOÇÃO DO USO DA LINGUAGEM NO
AUTISMO**

Gilberto Bruzzi Desiderio¹
Carolina Lampreia²



Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

¹ Aluno de Graduação do curso de Psicologia da PUC-Rio

² Doutora em Psicologia, Professora Assistente do Departamento de Psicologia da PUC-Rio

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
A comunicação afetiva	4
2. OBJETIVO	6
3. METODOLOGIA	6
4. CONCLUSÃO	7
AGRADECIMENTO	7
REFERÊNCIAS	8
ANEXO I	9

1. INTRODUÇÃO

O autismo é concebido como um transtorno do desenvolvimento e é caracterizado basicamente por falhas na interação social e na comunicação tanto verbal quanto não-verbal (DSM-IV-TR; Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 2002). Seu diagnóstico deve ser feito antes dos 36 meses de idade sendo que tem sido buscada uma identificação mais precoce visando uma intervenção também precoce que permita minorar os possíveis efeitos do prejuízo biológico subjacente. Para o fim da identificação precoce antes dos 2 anos de idade, têm sido desenvolvidos instrumentos específicos e realizados estudos de vídeos familiares (Lampreia, no prelo). Os estudos do desenvolvimento típico dos diversos comportamentos de atenção compartilhada que surgem a partir dos 9 meses de idade também têm servido de referência mostrando que as falhas no apontar declarativo por parte da criança autista e no seguir o apontar do adulto podem ser responsáveis pelos distúrbios de linguagem e do jogo simbólico, que servem de marcadores do autismo (Baron-Cohen, Allen, & Gillberg, 1992).

Esses vários estudos de identificação precoce assim como os de intervenção precoce usam preferencialmente categorias discretas de observação e treinamento. Por outro lado, alguns estudos do desenvolvimento típico da intersubjetividade e da comunicação inicial não-verbal, tais como os de Stern (1977; 1992) e Bates (1976; 1979), respectivamente, adotam uma metodologia que enfoca a observação dos aspectos qualitativos da passagem de uma habilidade a outra. Estes estudos não apenas registram a aquisição de uma nova habilidade em determinado momento do desenvolvimento mas descrevem as condições em que ela surge em termos das atividades nas quais a criança está envolvida e a participação do adulto. Eles descrevem a passagem de uma habilidade a outra quando, por exemplo, a criança passa a substituir o gesto pela vocalização que já a acompanhava.

Em suma, para que se possa melhor compreender em que consistem as falhas iniciais de desenvolvimento no autismo, que acarretam posteriormente suas características mais básicas, torna-se necessário conhecer os aspectos qualitativos e descritivos do desenvolvimento típico, assim como os aspectos afetivos da comunicação inicial. Isto poderá vir a permitir uma identificação precoce mais fidedigna assim como uma intervenção precoce mais eficaz.

A comunicação afetiva

As primeiras interações sociais com o bebê acontecem já nos primeiros dias de vida através das interações mãe-bebê, que se dão no contexto da regulação fisiológica. As tarefas de comer, adormecer e a homeostase geral são geralmente acompanhados por comportamentos sociais dos pais: embalar, acariciar, tranquilizar, conversar, cantar e fazer sons e caretas. Eles ocorrem em resposta a comportamentos do bebê tais como chorar, choramingar, olhar e olhar fixamente. Uma grande quantidade de interação social acontece a serviço da regulação fisiológica, e pode-se dizer que essas interações são o berço para o desenvolvimento da linguagem.

Os bebês parecem ter uma capacidade geral inata, que pode ser chamada percepção amodal (Stern, 1992) de tomar a informação recebida de uma modalidade sensorial e de alguma maneira traduzir para uma outra modalidade sensorial. A percepção amodal permite que uma coisa vista, ouvida e tocada possa de fato, através da coordenação de informações que vêm de várias modalidades perceptuais diferentes (como visão, tato, audição...), ser sentida como parte de uma fonte externa única. Essa capacidade é fundamental para que o bebê possa experienciar um senso de eu e de outro emergentes, que possibilite que, por volta dos dois meses, o bebê se encontre em uma nova situação bem mais social. Situação essa onde o bebê sorri, vocaliza, faz contato ocular em resposta aos comportamentos exagerados e repetidos da mãe que apresenta algumas alterações na linguagem, nas expressões faciais e jogos de esconde-esconde. Mãe e bebê regulam, então, mutuamente os interesses e sentimentos um do outro através de padrões rítmicos, sinais multimodais, imitação de expressão vocal, facial e gestual.

A percepção amodal não é, porém, uma simples questão de tradução direta entre as modalidades, a informação não é experienciada como pertencente a qualquer módulo sensorial. Ao contrário, envolve uma codificação amodal, que então pode ser reconhecida em qualquer um dos modos sensoriais. Essas representações abstratas que o bebê experiencia não são visões e toques e objetos nomeáveis, mas ao contrário, formas, intensidades e padrões temporais, e podem ser entendidas como as qualidades mais globais da experiência. Por isso, a atenção deve se voltar para o aspecto afetivo, uma vez que a representação amodal transcende aos modos sensoriais e existe em alguma forma

supramodal em que o afeto age como o curso supramodal em que a estimulação em qualquer modalidade possa ser traduzida.

Pode-se dizer que existem qualidades da experiência comuns aos módulos sensoriais. Os experimentos sobre capacidades modais cruzadas sugerem que algumas propriedades das pessoas e coisas, tais como forma, nível de intensidade, movimento, número e ritmo, são experienciadas como qualidades globais, amodais. Existe ainda uma qualidade de experiência que surge diretamente do encontro com pessoas, uma qualidade que envolve afetos de vitalidade (Stern, 1992). Essas qualidades indefiníveis são mais bem capturadas por termos dinâmicos como: explosivo, crescendo, decrescendo, prolongando, explodindo e assim por diante. Essas qualidades de sensação estão intrinsicamente envolvidas com todos os processos da vida, tais como respirar, ficar com fome, eliminar, adormecer ou acordar, ou sentir o ir e vir de emoções e pensamentos além é claro de estar presente nas interações sociais. O mundo experienciado pelo bebê é primariamente um mundo de afetos de vitalidade antes de ser um mundo de atos e formas. Ele é análogo ao mundo físico de percepção amodal, que é primariamente um mundo de qualidades abstraíveis de forma, nível de intensidade e assim por diante, não um mundo de coisas vistas, ouvidas, ou tocadas.

As qualidades experienciadas como similares através dos afetos de vitalidade, por exemplo, sons e toques de cuidados maternos, que podem transmitir uma mesma qualidade tranquilizadora, são reunidas por contornos de ativação similares que permitem que uma variedade de experiências sensoriais sejam agrupadas. Isto significa que podem ser experienciadas como correspondentes e dessa forma como criando uma organização. Um contorno de ativação pode ser abstraído de um tipo de comportamento e pode existir em alguma forma amodal. Esses contornos de ativação explicariam, então, o que seriam as representações amodais. A representação amodal poderia consistir em um padrão temporal de mudanças na densidade da descarga neural.

Por isso, é possível afirmar que a necessidade e a habilidade de formar representações abstratas das qualidades primárias da percepção, e de influenciá-las, começa no início da vida mental; não é a culminação de um marco do desenvolvimento atingido no segundo ano de vida. Mãe e bebê criam cadeias e seqüências de comportamentos recíprocos que formam diálogos sociais. É aqui que estão sendo desenvolvidos, por parte do bebê, os sentidos de contingência, isto é, a relação temporal próxima e dependente entre seu comportamento e o da mãe, e reciprocidade, assim como a antecipação ou seja, adiantar o que irá ocorrer a seguir, e alternância de turno

entre a mãe e o bebê que são a base para a comunicação intencional que virá a seguir. São os precursores dos precursores da linguagem. Mas, por enquanto, essas interações sociais iniciais envolvem principalmente regulação do afeto e da excitação.

2. OBJETIVO

A presente pesquisa tem como objetivo geral descrever e analisar as diferentes fases do desenvolvimento da comunicação não-verbal até o surgimento da comunicação verbal, no desenvolvimento típico, de maneira a obter subsídios para a elaboração de programas que visem a promoção do uso da linguagem pela criança autista. O **objetivo específico**, neste momento, foi elaborar uma metodologia de análise de vídeos permitindo identificar categorias diádicas e afetivas/comunicativas visando descrever e analisar a fase inicial do desenvolvimento da comunicação afetiva até o surgimento da comunicação não-verbal entre os 9 e 12 meses de idade, no desenvolvimento típico, de maneira a melhor compreender os processos envolvidos na comunicação intencional.

3. METODOLOGIA

Participantes e Procedimento

Foram analisados vídeos de bebês entre 3 e 12 meses de idade, filmados em situações naturais em interação com seu cuidador. Os vídeos utilizados foram feitos sem objetivos relacionados à pesquisa, mas apenas para documentar eventos cotidianos do bebê. A análise dos vídeos utilizou as seguintes categorias de análise: discretas (contato ocular, sorriso, vocalização), diádicas (antecipação, reciprocidade, contingência, alternância de turno) e afetivas (intensidade, *timing*, forma). O procedimento para a análise dos vídeos consistiu, primeiramente, em assistir as filmagens integralmente, e em seguida destacar cenas consideradas aptas, ou seja, cenas em que fosse possível visualizar a face do bebê e do cuidador simultaneamente. Em um segundo momento, foram destacados episódios de interação, selecionados a partir de uma solicitação de interação por parte de um dos membros da díade. Para cada episódio, procurou-se identificar as categorias de análise anteriormente definidas e assinalar suas ocorrências em uma folha de registro (anexo I). A duração de cada episódio de interação não foi previamente estipulada. Os episódios eram geralmente interrompidos quando não se

podia mais visualizar simultaneamente as duas faces da díade no vídeo, ou quando cessava a interação entre os membros da díade.

4. CONCLUSÃO

As categorias de análise utilizadas permitem rastrear falhas básicas que podem ser encontradas no desenvolvimento de bebês com risco de autismo. A metodologia de análise das categorias discretas está bem elaborada. Contudo, a metodologia para as categorias diádicas e afetivas precisa ser aprimorada tendo em vista as dificuldades enfrentadas. A qualidade dos vídeos, filmados em situações naturais, nem sempre permite a visualização simultânea das faces do cuidador e do bebê, recomendando a utilização de duas filmadoras. Além disso, categorias diádicas e afetivas, por serem mais dinâmicas, exigem metodologias e treinamento mais elaborados.

AGRADECIMENTO

Os autores deste trabalho agradecem ao CNPq pelo apoio financeiro (Bolsa PIBIC – 2006/2007)

REFERÊNCIAS

- Baron-Cohen, S., Allen, J. & Gillberg, C. (1992) Can Autism be Detected at 18 Months ? The Needle, the Haystack, and the CHAT. **British Journal of Psychiatry**, 161, 839-843.
- Bates, E. (1976) **Language and context. The acquisition of pragmatics**. N.Y.: Academic Press.
- Bates, E. (1979) **The emergence of symbols. Cognition and communication in infancy**. N.Y.: Academic Press.
- DSM-IV-TR (2002) **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. trad. Dayse Batista, 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Lampreia, C. (no prelo) Algmas considerações sobre a identificação precoce no autismo
In: **Temas em Educação Especial**. São Carlos, São Paulo : EDUFSCar.
- Stern, D. (1977) **The First Relationship: Infant and Mother**. London: Fontana/Open Books.
- Stern, D. (1992) **O Mundo interpessoal do bebê. Uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXO I

FOLHA DE REGISTRO PARA OBSERVAÇÃO DA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ

NOME

SEXO

DATA NASCIMENTO

IDADE

AVALIADOR

DATA

SITUAÇÃO :

Categorias	Discretas	Diádicas	Afetivas
Hora	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma

categorias	Discretas	Diádicas	Afetivas
Hora	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma
	B - Contato ocular Sorriso Vocalização M - Contato ocular Sorriso Vocalização	Reciprocidade Antecipação Contingência	Intensidade Timing Forma